

Hospício financeiro global

CLAUDIA SAFATLE

BRASÍLIA – O Banco Central está pronto para dar, a qualquer momento, um novo repique nas taxas de juros como instrumento para frear a saída de dólares que está minando as reservas cambiais brasileiras, num movimento diário de sangria movido pela crise financeira internacional que, hoje, não distingue mais que país está bem e quem está mais ou menos. Estão todos os países emergentes no mesmo saco e a crise já começa a contaminar as nações desenvolvidas. Mas que vendaval é esse? Tudo começa com o desmonte dos tigres asiáticos, com seus ativos supervalorizados, e o fato de o Japão, que deveria ser a so-

lução para a região, passar a ser parte dos problemas, com um sistema financeiro totalmente combalido.

As turbulências se arrastam para a Rússia, que entra em moratória e o Fundo Monetário Internacional, que também deveria ser uma tábua de salvação, passa a ser uma espécie de avalista do calote, diante da absoluta inapetência dos países desenvolvidos em geral, e da Alemanha em particular, colocar dinheiro num país que não tem sequer governo.

O Brasil é um país que precisa de mais de US\$ 30 bilhões de recursos externos por ano para financiar as contas correntes do balanço de pagamentos. Não adiante só ter reservas cambiais hoje na casa dos US\$ 60

bilhões. Elas deixam de ser passaporte para o futuro em questão de dias, se o resto do mundo, que põe dinheiro aqui, começa a duvidar da capacidade de pagamento do país e a imaginar como possível um calote geral. Ser dependente de capital externo na proporção de 4% do Produto Interno Bruto (PIB) foi uma opção do início do Plano Real, criticada aos borbotões por economistas menos liberais, e que hoje, certamente, deixou o país mais vulnerável, frágil mesmo, a esse tipo de turbulência.

O agravamento dessa crise, que já chegou à Wall Street, ultrapassou todas as perspectivas mais pessimistas, e deixou as finanças globais como um hospício sem direção. Os

loucos estão fazendo o que querem, atirando para todos os lados e não há a menor coordenação.

As autoridades da América Latina estão, hoje, reunidas em Washington, com o Fundo Monetário Internacional, à espera que os desenvolvidos - o Grupo dos 7 - tomem alguma providência, assumam a direção dos fatos, ajudem a Rússia e isolem a América Latina, último continente ainda em pé, embora já bastante cambaleante.

Nesse sentido, o presidente Fernando Henrique tem razão. Ele pouco pode fazer hoje. Teria que ter feito muito mais antes para não ter deixado o país tão vulnerável ao capital externo. Agora é tarde e só resta esperar uma ajuda de fora.